

## A QUESTÃO DE GÊNERO E O LUGAR DA MULHER NESSE DEBATE

### *THE QUESTION OF GENDER AND THE PLACE OF WOMEN IN THIS DEBATE*

José Ricardo Carvalho<sup>1</sup>

#### RESUMO

A questão de gênero surge como importante reflexão para o feminismo no mundo. No final da década de 1940, a filósofa francesa Simone de Beauvoir afirmou que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher. Ao defender tal tese, fora contestado o pensamento determinista do final do século XIX que usava o determinismo biológico para explicar a inferiorização do sexo feminino e as desigualdades sociais entre os gêneros. Para a filósofa, portanto, ser mulher é uma construção social e cultural. O objetivo desse trabalho é apresentar os conceitos de gênero, a partir da compreensão histórica e social do lugar ocupado pela mulher nesse debate atual e cheio de visões tão antagônicas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica ou de literatura do tipo revisão narrativa, que tem como dinâmica a análise, interpretação e síntese dos textos estudados. Utilizaram-se autores importantes nessa temática e literatura de material do Ministério da Educação- MEC para corroborar a pesquisa. Compreender a questão de gênero e perceber o lugar que a mulher ocupa nesse debate é possibilitar as mudanças necessárias em uma sociedade machista e discriminatória que tende a menosprezar e coisificar a figura da mulher, muitas vezes, relegando-a ao segundo plano na vida social, política, econômica, cultural e religiosa da comunidade.

**Palavras chaves:** Gênero. Mulher. Feminismo. Sexismo.

#### ABSTRACT

The issue of gender emerges as an important reflection for feminism in the world. In the late 1940s, French philosopher Simone de Beauvoir stated that no one is born a woman but becomes a woman. In defending such a thesis, the deterministic thinking of the late nineteenth century that used biological determinism to explain the inferiorization of the female sex and the social inequalities between the genders had been challenged. For the philosopher, therefore, being a woman is a social and cultural construction. The objective of this work is to present the concepts of gender, from the historical and social understanding of the place occupied by women in this current debate and full of visions so antagonistic. A bibliographic or literature review was carried out, such as narrative revision, which has as its dynamics the analysis, interpretation and synthesis of the texts studied. Important authors were used in this subject and material literature of the Ministry of Education-MEC to support the research. Understanding the gender issue and realizing the place that women occupy in this debate is to enable the necessary changes in a sexist and discriminatory society, which tends to disparage and condemn the figure of women, often relegating it to the background in social life , Political, economic, cultural and religious community.

**Key words:** Gender. Woman. Feminism. Sexism.

---

<sup>1</sup> Docente. Formado em Filosofia, Teologia, Pedagogia e Direito. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, em Docência do Ensino Superior, em Direito e Processo Constitucionais e em Docência em Filosofia e Teologia. Email: pensador32@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a questão de gênero é tratar de singularidades expressas em diferenças. Nesse sentido, as diferenças constituem o componente mais evidente no universo das coisas criadas e, na vida humana, são tão patentes que negá-las seria negar o óbvio.

A diferença é um atributo relacional. Desse modo, se a referência é relativa a figura de um determinado padrão, todos que não estiverem nesse contexto historicamente construído, serão diferentes em todas as identidades que sejam correspondentes ou não a ela. (LOURO, 2008).

As sociedades, conservadoras em suas estruturas, há séculos determinou o lugar do gênero humano em uma dicotomia antropológica: gênero masculino e gênero feminino. Essa bipolarização dos gêneros repercutiu em todas as esferas da vida social. Separou-se o inseparável, o gênero humano.

A ideia da dicotomia não é neutra. O problema não reside em ser binário, mas na supervalorização estabelecida na dicotomia, onde um torna-se privilegiado e o outro, sua contrapartida negativa, criada a partir de um limite em torno de si próprio, que afasta o outro, que lhe será sempre subordinado, negado, ausente e privado de sua primariedade. (PASSOS, 2012).

Homens de um lado, mulheres de outro. Antes justapostos, agora separados. Segregaram a comunidade humana, impondo rígidos comportamentos, intransponíveis, principalmente, às mulheres, deixando-as à margem do processo de participação e conquistas da sociedade dominada por homens.

Ao tratar das relações de gênero, trata-se de relações de poder. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal (COSTA, 2008).

A elas a casa, aos homens o trabalho. A elas o cuidado dos filhos, a eles o cuidado do patrimônio, dos negócios e do lucro. A elas a obediência, a eles a liberdade. A elas a submissão, a eles o domínio. A elas nada, a eles tudo.

As características do patriarcado são a dominação do homem pelo homem, do homem sobre a mulher e do homem sobre a terra. Nesse sentido, todas as cisões são santificadas: a cisão entre sexualidade e afeto; a cisão entre homens e homens, legitimando, assim a escravidão; a cisão homem e mulher, estabelecendo os limites do público e do privado e por fim, a cisão homem e natureza, representada no cultivo da terra de forma violenta. (MURARO, 1992).

A separação dos gêneros trouxe consequências terríveis à mulher: marginalização, discriminação, ódio, intolerância, maus tratos, submissão, dor e morte.

O homem, no ideário conservador, se apresenta com características típicas do sexo masculino: poderoso, forte, insensível, viril, visceral. A mulher frágil, meiga, dependente, recatada, submissa, dócil e mais sentimental.

Diante dessa realidade, ainda constatada no século XXI, pergunta-se: a quem essa dicotomia nos gêneros serviu? Quem usufruiu por séculos dessa mentalidade de dominação?

Por que as mulheres devem estar em um lado oposto ao do homem, e nesse lado, ficar privada dos mesmos direitos dos homens, compartilhando apenas deveres impostos por eles?

As lutas pela igualdade de gênero, as questões ético-raciais e a luta pelo respeito à diversidade tem sido uma constante durante os séculos XX e XXI. Contudo as atitudes e paradigmas sociais discriminatórios ainda é uma realidade constante e naturalizada em todas as sociedades. (FREIRE; SANTOS; HADDAD, 2009).

A questão de gênero é um tema importantíssimo pela consciência que traz em sua reflexão, pois possibilita a todos se perguntarem: homens e mulheres pertencem a gêneros opostos ou ao mesmo gênero, o gênero humano.

Cultivar a ideia de que são todos humanos e como tal detentores dos mesmos direitos e deveres, das mesmas oportunidades, dos mesmos comportamentos sociais, das mesmas atitudes não seria a melhor forma de criar-se uma sociedade mais justa, igualitária,

fraterna e solidária? Ensinar aos filhos que homens e mulheres possuem a mesma dignidade, pois sendo humanos compartilham as mesmas esperanças, as mesmas dores e as mesmas alegrias.

Compreender o sentido da igualdade entre os gêneros e qual o papel que a mulher deve ocupar nesse debate é o objetivo principal desse trabalho, ou seja, perceber que as diferenças não devem criar abismos, mas pontes de diálogo, de amor e de paz, legitimando o espaço justo e equilibrado das relações entre homens e mulheres.

## METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A metodologia utilizada se enquadra na revisão bibliográfica ou de literatura que “é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica”.<sup>2</sup>

Literatura é todo o material relevante que é escrito sobre um determinado tema em livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos.<sup>3</sup>

A revisão narrativa é um tipo de revisão de literatura. Nesse tipo de revisão “não utiliza critérios

explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas.

A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos”.<sup>2</sup>

Quando o pesquisador realiza a revisão da literatura demonstra que está atualizado em relação às discussões no campo do conhecimento pertencentes à investigação. Artigos nacionais e internacionais, livros publicados, monografias, dissertações e teses se apresentam como excelentes e importantes fontes de consulta. Assim, a diferença da revisão de literatura é que a mesma não é um compendio de resumos e citações (PRODANOV, 2013, p.131).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao nascerem as pessoas são identificadas imediatamente pelo órgão genital que trazem em seus corpos. Nasce-se com o órgão sexual masculino é menino, se nasce com o órgão sexual feminino, é menina. Eis o sexismo<sup>4</sup>

Discorrer sobre o gênero, não é apenas tratar de macho e fêmea, mas do masculino e do feminino, em sua dinâmica de masculinidade e feminilidade. A ideia de gênero é uma construção sócio histórica, político-cultural, que se referem as disputas materiais e simbólicas que se convergem em definições de identidades, papéis e funções sociais, hierarquicamente distribuídos em recursos e poder, definindo, assim, o que é e o que não é em relação ao ser homem e ao ser mulher nas sociedades ao longo do tempo. (BRASIL, 2007).

Essa separação parece natural, expressa pela marca indelével do sexo, segrega desde cedo esses

<sup>2</sup> Cf. INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP BIBLIOTECA DANTE MOREIRA LEITE. Disponível em <http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Sexismo: Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino. Cf. BRASIL, 2009, p.155.

seres humanos que nem consciência de sua existência ainda possuem.

Mas já foram socialmente designados e introduzidos em um universo azul ou rosa. O quarto, as roupas, os brinquedos, os utensílios e objetos são todos representativos dessa concepção segregaria entre meninos e meninas.

O conceito de gênero se coloca em contraposição a concepções essencialistas, naturalizantes, presas a distinções de caráter biológico, que obscurecem as razões sociais e históricas das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Em outras palavras, expressa “uma rejeição a um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual”, ao trazer à tona o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em tais conceitos (SCOTT, 1995, p.72 e DE LAURETIS, 1986, p.12). Mas o gênero é um dado biológico, advindo do órgão genital ou é uma construção social, ideológica, cultural?

Para Butler (2003, p.24), “[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto ao sexo”. Ou seja, as diferenças e a relação de poder entre os homens e as mulheres são culturais e não advindos das diferenças naturais. A ideia de inferioridade foi construída pelos homens e mulheres (BRASIL, 2009).

A sociedade utiliza a concepção do sexo binário. “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crenças numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.” (BUTLER, 2003, p.24).

Essa concepção binária dos sexos faz com que o pensamento sobre o ser homem e o ser mulher estejam em permanente conflito. O que é ser homem e o que é ser mulher? Ser homem é algo natural. Homem é homem. E a mulher o que é? Para alguns pensadores a mulher era um ser inferior, de segunda categoria. ‘A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades’. ‘Devemos considerar o caráter das

mulheres como sofrendo de certa deficiência natural’, diz Aristóteles (BEAUVOIR, 1970, p.10).

São Tomás de Aquino considera a mulher é um ser incompleto, extraído da costela de Adão. “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1970, p.10).

Uma das justificativas para a não extensão do direito ao voto às mulheres estava baseada na concepção de que possuíam cérebro menor e menos desenvolvido do que o dos homens. Utilizar-se de justificativas corporais para o não acesso à cidadania, era uma maneira de essencializar ou naturalizar as desigualdades naturais inscritas nos corpos. (BRASI, 2009).

Essa mentalidade fez com que por muito séculos e ainda hoje, em pleno século XXI, homens tenha arraigados em sua mentalidade a diferenciação entre o homem e a mulher e que coloca a diferença essencial entre homens e mulheres no sexo biológico, transfere essa concepção para o ambiente cultural e exige das mulheres comportamentos e posturas segundo um padrão definido pelo homem, posto ser ele “a cabeça da mulher” (1 Coríntios 11,3).

O homem pode ser pensado sem referência à mulher, mas ela não pode ser pensada sem o homem, pois é ele quem decide o que se deve ser. Diante do macho, ela é um ser sexuado, sendo para ele, sexo. É a mulher que se determina e se diferencia em relação ao homem, e não este em relação à ela. A fêmea é o não essencial diante do essencial. (BEAUVOIR, 1970, p.10).

A dicotomia entre homem e mulher, masculino e feminino, trouxe sérios problemas à sociedade, excluindo uma porção considerável da população dos bens e direitos que deveriam ser de todos.

Pois a passagem do estado natural ao estado cultural foi definido pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições como a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas e constituem menos

fenômenos que cumpre explicar que os próprios dados fundamentais e imediatos da realidade social. (LÉVI-STRAUSS apud BEAUVOIR, 1970)

Diferentemente dos negros, dos homossexuais e das pessoas com necessidades especiais, as mulheres não são uma minoria. Então como explicar o porquê das mulheres estarem inseridas no movimento político das minorias?

A desigualdade numérica pode gerar esse privilégio, pois a maioria impõe sua lei à minoria. Com relação as mulheres, esse fenômeno não acontece, posto que há tantos homens quantas mulheres no mundo. O que subordinou o fraco ao mais forte foi a diáspora dos judeus, a escravidão na América e as conquistas coloniais. (BEAUVOIR, 1970).

A explicação estaria na condição de submissão do mais fraco ao mais forte. Sendo excluída dos meios de produção e dos meios da própria subsistência, as mulheres se obrigaram a se submeter aos homens para poderem ter seu espaço mínimo garantido.

A história, as tradições, os costumes, as leis, a literatura, as religiões foram formadas a partir da intervenção do homem, por isso a mulher se encontra em uma situação de imersão em uma cultura predominantemente masculina.

Por isso, que mesmo numericamente ou quantitativamente esteja em pé de igualdade, as mulheres não têm as mesmas liberdades e condições de existência que os homens.

“No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens [...] recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes” (BEAUVOIR, 1970, p.15).

O abismo criado a partir dessa bipolarização do gênero dividiu o mundo dos humanos. De um lado homens, do outro as mulheres.

Essa separação acontece desde o nascimento. Meninos em um mundo azul. Meninas em um mundo rosa. Brinquedos, roupas, mobília, acessórios, calçados,

comportamentos e posturas são agora definidos e bem delimitados para ambos os sexos. O universo infantil é tomado pela ideologia sexista.

A partir do nascimento, a educação para viver em sociedade é distinta entre o menino e a menina. Essa distinção com relação ao sexo biológico influencia na decoração do quarto, na cor das roupas, nos objetos de uso pessoal, na escolha dos brinquedos e nas brincadeiras. Se for menina, roupas e decorações cor-de-rosa. Se for menino, o tom é o azul. (BRASIL, 2007).

Dessa forma, a segregação entre meninos e meninas toma cada vez maior proporção e vai se estendendo ao longo da adolescência e vida adulta. Comportamentos tidos masculinos não podem ser reproduzidos pelas mulheres. Da mesma forma, comportamentos femininos não podem ser vivenciados por meninos.

Desde a infância, através das atividades lúdicas, dos acessórios e das relações entre as crianças e pessoas adultas, vai-se aprendendo a diferenciar atitudes tipicamente masculinas e femininas, bem como, a fazer escolhas pessoais a partir de tal diferenciação. (BRASIL, 2007).

Há, nessa ideologia, coisas de homens e coisas de mulheres. Roupas de homens e roupas de mulheres. Sentimentos de homem e sentimentos de mulher. Trabalho de homem e trabalho de mulher. Amor para as mulheres e sexo para os homens etc.

O modo de ser e de viver em sociedade é fruto de um intenso aprendizado sociocultural que ensina a agir de acordo com as prescrições dadas a cada gênero. Dessa forma, há na vivência social uma predeterminação no fazer e no comportar-se consigo e com os outros, conforme o gênero em que se encontra. Atividades como brincar, namorar, dançar, ensinar e se divertir devem ser realizadas de acordo com o gênero. (BRASIL, 2009).

A discriminação e a exclusão que decorrem da questão do gênero são nefastas para a convivência harmoniosa entre homens e mulheres, pois tais atitudes

discriminatórias com origem no gênero ou no sexo cria um ambiente familiar, educacional e social hostil.

Nesse sentido, a família tem papel fundamental com relação a imprimirem nas crianças uma educação que pode reforçar ou diminuir as diferenças entre os gêneros, possibilitando, assim, comportamentos e atitudes, antes designadas ao homem e a mulher, que sejam de alguma forma, estimulados nos dois gêneros, de maneira que a educação de meninos e meninas não sejam radicalmente tão diferentes. (BRASIL, 2009).

No lar, gera-se a violência doméstica contra as mulheres. No trabalho, os baixos salários e o assédio sexual e moral; na publicidade, a coisificação da figura feminina, etc.

Tudo isso é fruto de uma mentalidade machista, misógina, sexista que deprecia a imagem da mulher e lhe diminui a dignidade, tomando-a como um ser em relação e dependente da figura do homem.

A segregação do espaço público e privado pode ser percebida quando se quer ofender a mulher. A divisão feita entre a rua e a casa mostra como os gêneros estão relacionados com o local, segundo a separação entre o mundo produtivo e o reprodutivo. (BRASIL, 2009).

Dessa divisão, entre o mundo produtivo e reprodutivo, criou-se uma situação de extrema miséria e de exclusão social em todo o globo, lançando homens e mulheres em situações discriminatórias com relação ao gênero, à sexualidade e à etnia. A situação da mulher ainda é mais grave, pois nas diversas classes sociais elas sofrem violência de toda sorte, além da restrição ao mercado de trabalho, à geração de renda, à educação e à política. (BRASIL, 2009).

Para que haja uma verdadeira mudança nos espaços públicos e privados, desse modelo machista, fazem-se necessárias atitudes afirmativas e de empoderamento da figura da mulher em todos os campos da vida: familiar, social, religiosa, econômica, educacional e cultural.

## COSIDERAÇÕES FINAIS

Homens e mulheres são diferentes, isto é um fato. Mas essas diferenças de ordem anatômica, sexual ou até mesmo cromossômica não são justificativas para a condição na qual a mulher foi mergulhada há séculos: inferioridade, dependência, submissão, violência física e emocional.

O debate sobre a questão de gênero e o lugar que a mulher ocupa nessa discussão é de fundamental importância para que a sociedade reveja seus conceitos, seus paradigmas, seus modelos de comportamento em relação aos gêneros, compreendendo que os gêneros masculino e feminino são uma construção social e não um dado biológico.

Dessa forma, valores, atitudes e comportamentos não podem ser designados a um gênero em detrimento do outro, como outrora e agora, em menor nível acontece, por causa do sexo biológico.

Não deve existir no campo laboral, social, cultural e sexual, dicotomias, segregação, diferenças entre “coisas de homem” e “coisas de mulher”, pois todas as atividades podem ser vivenciadas e realizadas por ambos os gêneros.

Ambos podem trabalhar, cuidar da casa e da educação dos filhos, podem expressar sua sexualidade sem nenhum tipo de condenação ou limitação, podem e devem, em parceria, construir um mundo mais justo e equilibrado, onde as diferenças anatômicas e de sexo biológico não sejam justificativas para a privação de direitos e exclusão social.

Mas para que isto aconteça é necessária uma educação renovada, arraigada na concepção de igualdade de gêneros e na divisão igualitárias dos direitos e deveres entre homens e mulheres. Só assim, ter-se-á uma sociedade mais harmoniosa, justa, tolerante e pacífica, onde o único gênero existente será o gênero humano.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 1. Fatos e Mitos. 4.ed. Difusão europeia do livro, 1970.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos Secad 4. Brasília, 2007.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: [http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf) Acessado em: 20/08/2017.

DE LAURETIS, Teresa (Ed.). **Feminist Studies/Critical Studies**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA BIBLIOTECA DANTE MOREIRA LEITE. Universidade de São Paulo-USP. **O que é revisão da literatura?** Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições. p.22, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PASSOS. Lucas. **Problemas das dicotomias: uma breve introdução**. Ensaios de gênero. 2012. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/07/26/problemas-das-dicotomias-uma-breve-introducao/>. Acessado em: 20 de agosto de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.